

SISTEMA FAEP



Mala Direta Postal
1000015118-8/2006-DR/PR
FAEP
CORREIOS

impresso

BOLETIM informativo

www.faep.com.br

Ano XXV | nº 1096 | 17 a 23 de maio de 2010

Tiragem desta edição: 24.000 exemplares

CERRO AZUL O paraíso da poncã **pág 7**



Lineu Filho

}} BOVINOCULTURA | PÁG 02

IVANETE HOESEL, produtora de leite de Querência do Norte

Paixão pelo leite

» Mesmo com pouco lucro, produtores resistem na atividade



2

Capa

O mercado e a produção de leite



Lineu Filho

8

Cerro Azul

A rainha da poncã

10

SENAR-PR

O trabalho na penitenciária de Ponta Grossa

12

IBGE

A revisão do Censo

14

Saúvas

Por dentro dos sauveiros

16

Via Rápida

A imprensa, o xixi das aves, Fidel Castro, Gardel e a "bicicreta"



Divulgação

18

Cursos SENAR-PR

Mulher atual, JAA, Agrinho, reciclagem de lixo e pastagens

20

Reserva legal

Equívocos de promotores

22

Últimas

Florestas, DAU, Frango e exportação

23

Direto ao produtor

Toledo PDS, CSA e código florestal

Leite: o resultado

Oferta e procura aumentam o preço do leite nesta época do ano

O CEPEA, Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada, da ESALQ/USP, divulgou que a alta do preço do leite em 2010 é a maior desde 1995.

Será então que os produtores de leite estão nadando em dinheiro? Não.

Alta de preços nesta época do ano é normal, determinada pela lei da oferta e procura. Nesta temporada o pico da produção ocorreu em dezembro de 2009 e a partir daí a captação de leite começou a cair, primeiramente por problemas climáticos e depois pela entrada da entressafra, quando a produção de pastagens diminuiu nas regiões sudeste e centro oeste, grandes produtoras.

Na média brasileira, em março de 2010, o volume captado diminuiu 7,3% em relação ao de janeiro/10.

Então o produtor está recebendo mais pelo litro de leite, porém o volume diário diminuiu, fazendo com que a diferença no pagamento a receber no final do mês não acompanhe o mesmo percentual do aumento do preço unitário.

Por outro lado, o rendimento de uma atividade em que a venda e produtos é diária, não se mede por alguns meses de preços bons nem alguns meses de preços baixos, mas sim pela média obtida durante um ano.

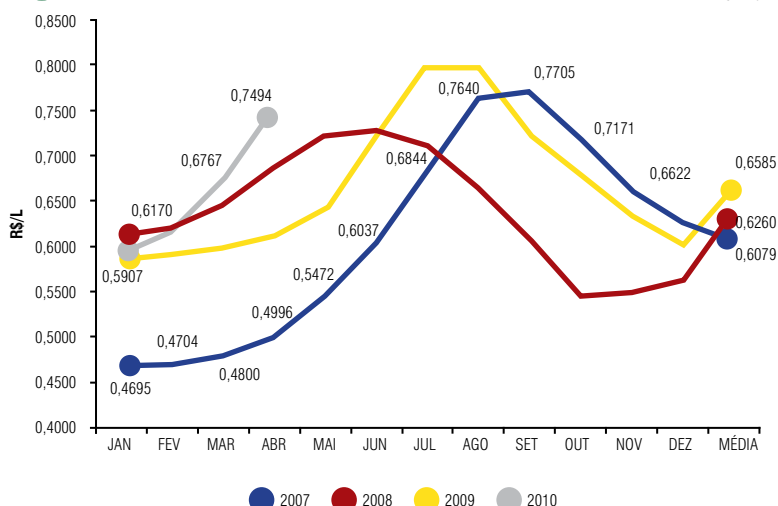
Aí a coisa muda de figura. Mesmo em 2007, quando pela primeira vez os produtores receberam acima de R\$ 0,70 por litro, na média o produtor paranaense recebeu R\$ 0,6039 por litro de leite entregue na indústria, dezesseis centavos abaixo do preço do melhor mês daquele ano.

A média de 2010 é de R\$ 0,6585/litro, não obstante o preço recebido em abril seja R\$ 0,7494.

O gráfico ajuda a visualizar os preços mensais quando comparados com as médias anuais representadas pelo último ponto de cada linha.

**PREÇOS NOMINAIS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE LEITE NO PARANÁ COM MÉDIAS ANUAIS**

FONTE: CEPEA



gado se mede em centavos

O valor de R\$ 0,7494/litro recebido em abril de 2010 é inferior ao preço de agosto de 2007 que foi R\$ 0,7640.

Além da safra e entressafra, alterações na renda do consumidor influenciam fortemente a variação de preços do leite. Foi o aquecimento da economia dos países emergentes que disparou os preços em 2007 após o esgotamento dos estoques mundiais de leite em pó. E foi o desaquecimento das mesmas economias, detonado pela crise imobiliária dos Estados Unidos em 2008, que derrubou os preços no mundo todo. O leite

em pó caiu de US\$ 5.000/tonelada para US\$ 2.000 e os preços ao produtor caíram na mesma intensidade.

E o produtor de leite, na grande maioria agricultor familiar, no interior de sua propriedade nem imagina que aquilo que deu na TV, sobre uma tal crise na Grécia, pode baixar o preço do leite que suas vacas ainda vão produzir. Por enquanto ainda há alguns centavos de lucro a contabilizar no fim do mês.

por Maria Silvia Digiovani, agrônoma do DTE/FAEP

Cleverson Beje

A paixão pelo leite

Apesar do fraco rendimento, produtores não desistem da atividade



Dificuldades de investimento, pouca rentabilidade e falta de perspectiva não são suficientes para afastar Amanda Superti Sandri da atividade leiteira. Produtora de Toledo, na região oeste do Paraná, ela tem em sua propriedade 54 vacas, que produzem em média 1400 litros de leite por dia. O resultado do árduo trabalho, que começa ainda pela madrugada, é preciso ser contabilizado na ponta do lápis para que não haja prejuízos. “Você tem ganho e perda juntos, não dá para deslizar. A sobra é de no máximo R\$ 0,10 por litro”, afirma Amanda.

Segundo ela, se dependesse somente do ganho com o leite, a família teria dificuldades. No entanto, o sustento vem de outras atividades. “O investimento que você faz vem de outros negócios, porque da vaca para a vaca, não tem como”, relata. Amanda conta que já teve propostas para a propriedade, mas o amor pelo trabalho sempre fala mais alto. “Meu pai não desiste por paixão, porque dizer que está ganhando, não está. Já pensamos em vender, já ofereceram para comprar, mas desistir da atividade, não vamos”, diz.

Há mais de 20 anos no ramo, Amanda trabalha ao lado da irmã na propriedade. Além disso, as duas contam com a ajuda do irmão em alguns turnos do dia, já que ele trabalha no meio urbano. “Fica apertado ter empregado. Eu gosto disso porque trabalho desde criança. O milho sobe, a ração sobe e o leite não sobe”, argumenta.

Para ela, o ramo precisa de maior conscientização para que haja rentabilidade. Amanda cita exemplos externos para melhoria na situação. “A cadeia do leite sempre foi complicada. Melhorou o trabalho, o preço, mas ainda está muito longe do que acontece em outros países. Você recebe o preço fixo, enquanto lá fora, eles procuram manter o preço”, explica Amanda.

Outro ponto citado pela produtora é a união da classe em torno do desenvolvimento da cadeia produtiva do leite. “A valorização depende da união da cadeia leiteira, você está nas mãos dos mercados. O produtor é mais fraco, precisa unir mercado e laticínios”, diz. “O gado é como a gente, fica doente, tem comida, o custo do cilo. Mas as pessoas não veem isso”, finaliza.

AMANDA SANDRI: “Meu pai não desiste por paixão”



Ivanete e Valdecir: "falar do SENAR-PR é pouco!"



CONHECIMENTO

Família vitoriosa

Quem também está se dando bem com o leite é o irmão de Valdecir, e vizinho de propriedade. "Estamos aqui desde 99 e graças à Deus tudo deu certo e hoje estamos felizes", relatou Eugenio Schwertz.

Ele conta que até o ano passado ainda trabalhava com lavoura, especialmente mandioca, mas depois dos cursos do SENAR-PR e da melhor perspectiva, decidiu investir na bovinocultura de leite. "Os cursos ajudaram muito porque sempre tem algo novo. Tenho 38 vacas e mais cinco novilhos. Ao todo, estou produzindo de 400 a 450 litros por dia", avaliou Eugenio.

Para ele, os produtores precisam buscar conhecimento para se adaptar à realidade do campo. Para isso, nada melhor do que os cursos do SENAR-PR. "O que vejo muitas vezes é que as pessoas se acomodam. Aqui na região, quando começaram os cursos mudou muita coisa, é um investimento em você mesmo, na sua propriedade", disse.

Entre os preferidos dele está o curso de Recuperação e Reforma de Pastagem. "Ali aprendi muita coisa. Com o piquete você economiza muito, você consegue ter uma pastagem boa o ano todo para os animais e a produção do leite melhora", analisou. "Depois do piqueteamento que fiz mudou tudo na propriedade e isso aprendemos graças ao SENAR", concluiu Eugenio.



Os dividendos do SENAR-PR

A longínqua Querência do Norte, extremo noroeste do Paraná e distante quase 700 quilômetros de Curitiba, é conhecida por sua forte produção de arroz e a transformação de dezenas de assentados em produtores. Essa mudança ocorreu principalmente pelo trabalho desenvolvido pelo SENAR-PR, que há quatro anos vem promovendo cursos, ajudando a melhorar a produtividade nas propriedades, alterando sensivelmente a vida das pessoas.

É o caso de Valdecir Rogério Schwertz e sua esposa Ivanete Hoesel que tiveram um começo difícil, principalmente por falta de conhecimentos técnicos para trabalhar no campo. Em 2002, ele fez os treinamentos de "Aplicação de Agrotóxicos em formiga Cortadeira" e "Avaliação de Vacas Leiteiras", enquanto sua esposa realizou "Manejo de Bovinos de Leite" e "Avaliação da Conformação Ideal". "Até matar formiga aprendemos, porque é difícil", disse Ivanete. "Olha, o que a gente falar do SENAR é pouco", completou Valdecir, "principalmente na questão do leite".

A partir dos cursos conseguiram quase dobrar a produtividade do leite. "Nós tínhamos 11 vacas que produziam 70 litros, depois conseguimos chegar a 120 litros com as mesmas 11 vacas", afirmou Ivanete.

Seu marido também fez o curso de Manejo de Bovinos de Leite, além do "De Olho na Qualidade e Recuperação e Reforma de Pastagem". E tudo foi utilizado ao máximo. "Antes tínhamos problemas com cascos e isso mudou", avaliou Valdecir. "Vimos que somente com pasto podíamos melhorar a produção, usando o piqueteamento", completou.

Com os bons resultados, o casal decidiu investir na bovinocultura de leite. "Vendemos os tratores que tínhamos e compramos mais vacas. Valeu a pena. Chegamos a produzir 720 litros por dia", analisou Valdecir. "Nós aprendemos muito com os cursos e graças a isso temos uma produção média de 17 litros por vaca por dia, mas alguns casos chega a 20 litros por dia", disse Ivanete.

Atualmente, os produtores contam com 48 vacas, sendo que 31 estão produzindo. Com os bons resultados, Valdecir e Ivanete pretendem explorar ainda mais a bovinocultura de leite. "O problema aqui é o endividamento. O lugar é bom, mas muito variável para grãos. Milho não dá, soja também não. Já o leite, falamos que pinga, mas não falta", resumiu Valdecir. "Hoje com os cursos, vemos o que é melhor. Se não fosse isso, não sabíamos como estaríamos", concluiu.



A frustrada volta às origens

Pegoraro chegou à avenida Paulista, viu, não gostou, voltou e chorou pelo leite derramado

Frequentei a escola andando 12 quilômetros a pé, enfrentando barro, poeira, calor, frio e chuva, em Cruzeiro do Oeste, noroeste do Paraná. Fui para São Paulo, prestei vestibular para Ciências Contábeis e arrumei trabalho junto à diretoria de um grande banco na avenida Paulista com gravata e ar condicionado. Meu sonho, porém, era voltar para minhas origens, respirar ar puro, viver uma vida simples e produzir alimentos.

Em 1995 meu pai e meu irmão tiravam 2.000 litros de leite por mês e recebiam R\$ 0,25 por litro, R\$ 500,00 no total. O salário mínimo era R\$ 65,00 e os R\$ 500,00 divididos por R\$ 65,00 dava 7,69 salários mínimos. Eles tiravam o leite só de manhã e levavam de carroça ao laticínio.

Moravam em nosso sítio três famílias de parceiros que ajudavam na lida do café, algodão, milho, feijão e outras culturas. Meu pai se orgulhava do cheque ouro no Banco do Brasil e poupança, camionete Willys 1974, Brasília 1981 e um trator MF 50 1974 com equipamentos, o dólar cotado ao par um por um, gasolina R\$ 0,65 o litro e óleo diesel a R\$ 0,28, por litro.

O MARTÍRIO COMEÇOU

1 O laticínio pediu para não entrar de carroça no pátio porque os cavalos sujavam com suas fezes e urina. Recomendaram construir na cabeceira do sítio uma casinha coberta para proteger os latões de leite do sol para o caminhão apanhar mediante pagamento descontado no fim de 60 dias, quando recebíamos o dinheiro do leite.

2 Depois o laticínio queria qualidade e quantidade para pagar preço melhor. Para isso, tivemos que melhorar a alimentação das vacas e comprar uma ensiladeira comunitária mais outros equipamentos descontados pelo laticínio em 36 parcelas mensais e aí dobramos, triplicamos a produção de leite, e dos custos também.

3 Começou então o papo de mata ciliar. As vacas, não podiam mais beber água no rio, porque elas faziam suas necessidades fisiológicas dentro, provocavam erosão, destruíam a flora e fauna. O Promotor Público convocou uma reunião com todos os criadores e ordenou o fechamento numa faixa de trinta metros cercados de cada lado das margens. Reunimos os vizinhos, compramos rodão d'água, fizemos reservatório e distribuimos água para todos.

4 Aí o curral de chão batido não servia mais, precisava fazer um barracão com piso de concreto lavável todos os dias com ordenha, resfriador de emersão, lavar as tetas das vacas, enxugar cada teta com papel toalha descartável não reciclado e após ordenhar, colocar nas tetas produto específico para fechar o esfinter. Mais outros produtos para lavar o barracão, ordenha, latões e todos os objetos usados.

5 Em seguida fomos obrigados a um tal de resfriador a granel, porque o leite tinha que ter muita qualidade para exportação. Compramos um e pagamos em 36 suaves prestações mensais, a última atrasamos cinco dias e o Banco do Brasil avisou que ia a protesto.

6 Chegaram os técnicos e falaram para diminuir custos. Devíamos piquetear com cerca elétrica e a cada pastoreio, usar ureia, e uma vez por ano, colocar outro tipo de adubo e esterco.

7 A partir de 2007, órgãos do governo determinaram que aquele milho carunchado que há no paiol, fubá mofado e até pão passado não poderiam estar presentes na alimentação das vacas, senão as toxinas poderiam passar para o leite.

8 Ultimamente, há vários exames feitos pelos laticínios na chegada do leite do produtor nas indústrias.

9 Depois de sete anos meu pai faleceu, acabou com o café e as outras plantações. Adeus ao cheque ouro do Banco do Brasil, mais a poupança. As três famílias de

parceiros mudaram-se para a cidade. Eu e meu irmão continuamos por mais três anos, sem domingo, feriado, batizado, aniversário, casamento e velório, trabalhando todos os dias das 5 h às 20 h.

10 Vendi as vacas, ordenha e resfriador porque mal conseguíamos um salário mínimo para cada um e ainda ficávamos devendo na praça. Minha mãe mudou-se para a cidade, os vizinhos arrendaram o sítio para cana e fizeram a mesma coisa. Um deles comprou um boteco e me disse que um litro de pinga rende 20 doses vezes R\$ 0,50 é igual R\$ 10,00 e paga R\$ 2,50; é o mesmo que rende uma vaca que produz 20 litros por dia e custa um investimento R\$ 2.000,00

11 Meu irmão continua lá, tirando 2.000 litros por mês vendendo a R\$ 0,51 em janeiro deste ano, por litro, o que lhe dá uma renda de R\$ 1.020,00

por mês, igual a dois salários mínimos, renda bruta. Ele tira o leite só de manhã, leva de carroça até o sítio do meu primo e põe no resfriador a granel. Meu primo também vendeu metade das vacas e está numa penúria que dá dó.

Ah! Meu irmão tem que fechar a reserva legal e parece que a casa e as construções vão ficar dentro dela. Tem que plantar arranhagato, rabo de burro, leiteiro, macaúba, mamica de porca, peroba, pau d'álho, pitanga, ipê, jatobá e até joá, para fauna se recuperar com tatu, cotia, paca, cobra, irara, capivara, tamanduá e até gambá.

E quando meu irmão terminar essa história daqui a alguns anos, sei lá o que mais terão inventado. Ah! Tomara que ele não esteja "pagando" para tirar leite...

José Osires Pegoraro

Cruzeiro do Oeste



* O OUTRO LADO

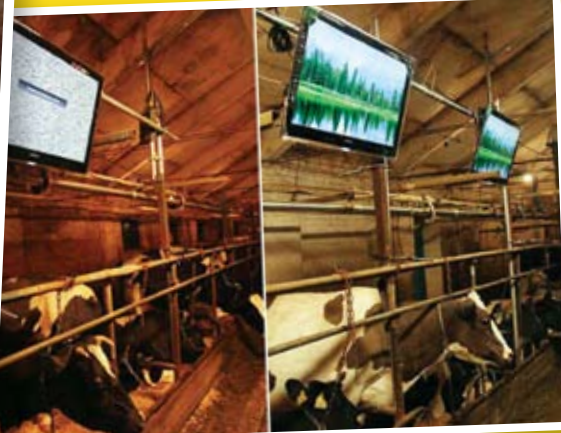
PEGORARO demonstra para a professora e as crianças da escola como se conserva a silagem

A opinião de Pegoraro, porém, contrasta com os avanços nas propriedades dedicadas à bovinocultura de leite. Fora a questão dos preços que seguem as leis de mercado e a legislação ambiental, a melhoria das instalações e dos itens relativos à sanidade geram custos, mas também dividendos não só aos produtores como aos consumidores. Também nessa atividade quem não inova leva coice da cadeia produtiva.



É fantástico!

» De vez em quando os russos são criativos. Acreditando que suas vacas ficariam mais felizes e produtivas, um produtor russo instalou TVs de 40 polegadas com tecnologia LED no curral. A programação mostra



imagens bem definidas de pastos e dos Alpes suíços. O produtor evitou imagens do inverno russo para evitar possíveis desânimos no seu plantel.

Cerro Azul muda seu perfil

Conhecida como terra da poncã, o município quer diversificar culturas para dar um salto econômico

texto e fotos por **Leonardo Fagundes**

“Nós nunca vivemos um momento tão bom como agora”. As palavras do secretário de Agricultura de Cerro Azul, João Carlos Hilman, resumem o novo momento vivido pelo município. Distante 92 quilômetros de Curitiba, a terra da laranja e principalmente da poncã, como é conhecida, entra em uma fase de transformação, buscando diversificar suas culturas. “Durante muito tempo nós estivemos isolados, o acesso até aqui era difícil, mas agora a realidade é outra”, relembra o presidente do Sindicato Rural, Ricardo Oliveira.

Há cinco anos, o município de aproximadamente 20 mil habitantes ganhou asfalto na rodovia PR 092, melhorando o acesso à capital. Mas Cerro Azul teve outras novidades que possibilitaram maior perspectiva de crescimento. “Eu sou

agricultor da região e antes você não tinha crédito, assistência técnica e apoio à comercialização e sem isso não há condições de prosperar. Hoje temos assistência, comercialização e crédito”, analisa o secretário Hilman.

Além de contar com esse “tripé”, o município investe na parceria público-privada e na integração de várias entidades. Enquanto a prefeitura entra com técnicos e projetos desenvolvidos com o Iapar, o Sindicato Rural, através dos cursos do SENAR-PR, promove a qualificação dos produtores. “Buscamos a profissionalização do trabalhador rural em nossa região oferecendo os treinamentos do SENAR-PR. Quanto mais informação e conhecimento, mais desenvolvimento no campo”, destaca o presidente do Sindicato Rural.

AGENOR COSTA JÚNIOR produz mais de 5 mil caixas de poncã em dez alqueires



Com produtores mais bem preparados e informados, o município espera em pouco tempo mudar o perfil econômico e principalmente não depender exclusivamente da produção de poncã. “Queremos estimular o agricultor a investir em outras culturas para que ele tenha renda o ano todo, não apenas de maio a julho, quando acontece a colheita da poncã”, explica Ricardo Oliveira.

Segundo dados da Secretaria Municipal de Agricultura, 76% da população de Cerro Azul vive no campo. São aproximadamente três mil famílias, sendo que dois terços garantem renda da produção de citros. A maior parte das propriedades tem cerca de dois alqueires, ou seja, a agricultura familiar predomina no município. “Estamos com projetos para viabilizar e buscar oferecer opções ao agricultor para que ele tenha diversidade em sua propriedade”, avalia o engenheiro agrônomo da secretaria municipal de Agricultura, Ivan Evangelista.

Projetos

Ele é um dos responsáveis pelo projeto de Desenvolvimento Tecnológico, que acontece em parceria com o Iapar. O objetivo é implantar novas culturas na região. O projeto é dividido em quatro áreas: fruticultura; produção de mudas; cultivares de mandioca e caprinocultura. “Nós queremos explorar o potencial da região, principalmente por causa dos microclimas que temos aqui”, explica Evangelista.

De acordo com ele, os microclimas garantem uma determinada temperatura média em algumas regiões, possibilitando o plantio de espécies mais adaptadas ao frio ou ao calor. “Aqui você pode ter plantação de uva em algumas áreas mais frias, assim como banana em outras mais quentes”, diz o agrônomo.

Com isso, o projeto de Desenvolvimento Tecnológico quer explorar, dentro da fruticultura espécies como o abacaxi, maracujá, banana, além de outros tipos de citros. Já a produção de muda promete oferecer espécies como o palmito para serem cultivadas. A mandioca é outra cultura a ser melhor desenvolvida e que já caiu no gosto dos agricultores. Já a caprinocultura vai oferecer matrizes para a região. “O projeto já está em andamento. Começou ano passado. Estamos aguardando os recursos (em torno de R\$ 930 mil) da Caixa Econômica Federal”, explica Evangelista.

Unidades

A prefeitura também mantém outro projeto com o Iapar há três anos, as chamadas unidades de referência. Neste projeto os técnicos trabalham com o citros, seringueiras e maracujá. “As unidades oferecem modelos para o agricultor. O maracujá já trabalha com 15 mil mudas”, diz Evangelista.

As mudas foram repassadas em setembro do ano passado, enquanto a seringueira e o citros há



Ao lado, o secretário de agricultura, JOÃO CARLOS HILMAN. Abaixo, à esquerda, o presidente do Sindicato Rural, RICARDO OLIVEIRA, com o agrônomo IVAN EVANGELISTA



mais tempo. “A seringueira é mais demorada, pelo menos cinco anos para que o produtor comece a exploração do látex. No entanto, ele pode ser retirado por 35 anos. Depois disso, a madeira pode ser aproveitada”, explica o agrônomo.

Outra vantagem da seringueira é que ela pode ser cultivada entre os pomares de poncã, já que a distância entre uma e outra muda é de oito metros. “A extração é o ano todo, você só para entre maio e julho, justamente quando colhe a poncã. É bastante útil para garantir renda o ano todo ao produtor”, analisa Evangelista.

Despolpador

Dentro do projeto de diversificação de culturas já está prevista a instalação de um despolpador em Cerro Azul. Será a oportunidade para que os produtores agreguem valor aos produtos, com exceção da poncã. “Será um elo importante para puxar a cadeia produtiva da região. Poderemos ter polpa de maracujá, laranja, pêssego, abacaxi, entre outros”, diz o engenheiro agrônomo da prefeitura. “A maior parte da produção é comercializada in natura. Em breve teremos uma pequena fábrica para agregar valor”, completa.

* PONCÃ

Problemas com a pinta preta

Desde o início de 2009, os produtores estão impedidos de transportar poncã com ramos e folhas. A instrução normativa do Ministério da Agricultura foi publicada para evitar a propagação da pinta preta, praga comum em espécies de citros. “O Mapa entende que a propagação da doença pode acontecer pelas folhas, por isso o impedimento do transporte. Porém, aqui não temos essa praga, não estaríamos correndo o risco de propagá-la para outras regiões”, explica Ivan Evangelista.

Os produtores não ficaram nada satisfeitos com a medida do Ministério. Segundo eles, houve aumento dos custos e perdas na comercialização. “Isso travou o mercado. Quem antes levava cinco, seis cargas, agora só leva duas”, diz o produtor Agenor Costa Junior. De acordo com ele, o produto tem melhor aceitação com ramos e folhas, principalmente nos mercados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. “Quem conhece sabe que a fruta com ramos e folhas tem durabilidade maior, além de evitar ressecamento e perda de sabor”, afirma Agenor.

Segundo dados do IBGE, Cerro Azul produz cinco milhões de caixas de citros por ano e os principais mercados são o de Curitiba, sul e sudeste do país. Para expandir a comercialização, os produtores contam com a Cooperativa de Agricultura Familiar Integrada (Coopafi).

*
PONCÃ:
variedade de tangerina, grande e de casca frouxa, originária do Japão. (Dicionário Houaiss)

Produtores separam e pesam a poncã para transportá-la a outros estados brasileiros



Ellen dos Anjos

Em junho tem Festa da Laranja

No começo de junho o município de Cerro Azul celebra a 45ª Festa da Laranja e 16ª Expokan. A expectativa é receber mais de 30 mil pessoas nos três dias da festa, que acontece de 11 a 13 de junho na Praça Central.

O evento conta com três shows abertos ao público. Na sexta-feira a atração é a dupla sertaneja Eric e Matheus. No sábado é a vez da banda Sem Limites e no domingo atrações locais e Willian e Renan animam a festa. Além disso, os visitantes podem desfrutar das barraquinhas de laranjas, poncã e comidas típicas.

A Festa da Laranja, é promovida desde 1959 pelo Sindicato Rural e pela Prefeitura Municipal. O evento tem exposição de produtos cítricos, agroindustriais e de feiras de artesanato local e exposição agropecuária.

Arquivo pessoal/Rafael Gomes



* TURISMO

Terra também para aventura

Cerro Azul não é apenas terra dos cítricos. A região também é muito propícia para a aventura, principalmente para os amantes do rafting. O Rio Ribeira oferece condições para iniciantes e para quem já pratica o esporte. Há um trecho de 10 quilômetros, que dura em média duas horas e outro de 27 quilômetros, que leva quase o dia todo.

Quem transformou a curiosidade pelo rafting em profissão foi Rafael Gomes da Silva. Morador de Cerro Azul, ele conhece bem o Rio Ribeira e há dois anos trabalha como guia na Praia Secreta Expedições. “Eu vi as atividades e me interessei. Fiz uma série de cursos e trabalho sempre nos finais de semana”, diz.

Ele conta que no verão chega a fazer quatro descidas no rio. No inverno, devido ao frio, o

movimento diminui, mas sempre há aventureiros para o trajeto. “É gratificante ver a satisfação das pessoas com a aventura”, avalia Rafael.

Segundo ele, o rafting é recomendado para todas as idades, desde que alguns cuidados sejam tomados. “O colete e o capacete são indispensáveis”, diz. Experiente com o rio, ele sempre está atento a evitar qualquer risco. “Há quedas no rio, mas cada pessoa reage de uma maneira. Nós temos que manter a calma e prestar socorro. Mas é seguro e estamos sempre atentos. Eu recomendo para todo mundo”, finaliza.

Os passeios custam a partir de R\$ 60 com saídas pela manhã, tarde e até pela noite. Quem quiser mais informações pode acessar www.praiasecreta.com.br.

por Cynthia Calderon

Fotos: Lineu Filho

Apenas o canto dos pássaros quebra o silêncio da construção cercada pelos jardins bem cuidados, que no outono escondem o colorido das rosas, violetas, onze horas, strelitzias. Bancos e mesas de cimento são recobertos por cerâmicas. As divisórias são ornamentadas por imagens feitas de mosaicos coloridos. As paredes num amarelo pastel também contribuem para a suavidade do local. No terreno em declive são aproveitadas as “quebras” para plantar onze horas no gramado que durante a primavera fica inteiro branco.

Não fossem os rolos de arame farpado nas grades e o circuito interno de monitoramento dificilmente se perceberia que o cenário é de um estabelecimento penal de segurança máxima para presos condenados ao regime de reclusão. Na entrada há uma placa em mosaico com as iniciais da Penitenciária Estadual de Ponta Grossa (PEPG). Construída nos moldes de prisões norte-americanas, a PEPG é toda automatizada, detectores de metais e todos os aparatos necessários fazem a segurança. Não há muros, mesmo tendo ao lado uma estrada rural. O monitoramento externo é feito pela Polícia Militar.

O cuidado com o espaço físico é apenas consequência da política de ressocialização dos detentos através da educação. A presença forte e delicada de Juraci Freitas dá o tom do local. Sim, é uma mulher que com mãos firmes dirige a penitenciária com 410 detentos, deixando um toque feminino perceptível em cada detalhe. Disciplina, organização e limpeza são normas inegociáveis. É proibido fumar. A regra vale pra todos, incluindo os agentes penitenciários. Outro quesito bastante cobrado é a higiene. As roupas são lavadas internamente pelos próprios detentos, numa lavanderia industrial,

A PEPG mantém a Unidade Escolar do Centro de Educação Básica para Jovens e Adultos (CEEBJA) Odair Pasqualini com turmas de alfabetização até a conclusão do ensino médio. Além disso, seguindo critérios de bom comportamento e avaliação da capacidade de adaptação na atividade é possível realizar cursos profissionalizantes. Há quatro anos, o SENAR-PR tem realizado semestralmente dois cursos de promoção social na PEPG. Jardinagem e corte e costura são os mais recentes. Em torno de 40% dos detentos são da área rural e cerca de 20% fazem cursos profissionalizantes.

O de marcenaria e de mosaico são ministrados pelo Provopar. Os móveis fabricados são usados internamente e cadeiras, banquetas, móveis infantis e mesas, cujos tampo são decorados com mosaicos são vendidos nas lojas de artesanato do Provopar.

Há outros cursos aproveitando a demanda de mercado e a aptidão do detento já vislumbrando o futuro de ressocialização.



Curso de Jardinagem



Um modo peniten

Penitenciárias, invariavelmente, tornaram-se sinônimos de rebelião. Mas o trabalho e as ideias de Juraci Freitas, diretora da Penitenciária Estadual de Ponta Grossa, estão transformando a vida de 410 internos. Com a ajuda do SENAR-PR

Costurando uma nova história

Os detentos são na sua maioria jovens, vindos do interior do estado e com delitos dos mais variados. A máquina de costura abandonada porque ninguém sabia regulá-la é uma das lembranças que A.A., 37 anos, tem de sua casa em Tibagi. A família vive da lavoura. Na propriedade plantavam de tudo para sobreviver. Com a dificuldade da vida na agricultura, ele saiu em busca de emprego numa cidade maior. Foi quando ocorreu o que ele chama de “deslize” e

lelo de ciária



JURACI FREITAS,
diretora da PEPG -
Mosaicos coloridos
suavizam o local



Curso
de corte
e costura

que o conduziu a PEPG. “Emprego lá fora está difícil. A costura é uma oportunidade boa. Posso ajudar minha mãe, minha irmã. Tem meus filhos que precisam de uniforme para a escola”, diz A.A. que sonha em retornar para Tibagi quando sair e resgatar a velha máquina de costura para viver ao lado da família.

D.D., 37 anos, também vivia da lavoura em Reserva e viu no curso de corte e costura uma oportunidade. “É um meio de ganhar dinheiro e levar uma vida certa, sem ter que voltar pro crime”. Já P.B., 39 anos, quer trabalhar por conta. “Além do 2o.grau as empresas pedem o profissionalizante. Mas, emprego não vai ser fácil. Já morei em Santa Catarina e conheço as fábricas. Quero me especializar e sair daqui num estágio avançado. Tenho que pensar nos meus filhos”.

Tesouras e agulhas

O curso de corte e costura ministrado por **ROSILENE APARECIDA XAVIER** Mendes tem duração de 100 horas, divididas em quatro horas diárias. São 15 alunos, no máximo, por turma, com certificação reconhecida pelo Ministério do Trabalho. O SENAR-PR disponibiliza a instrutora e fornece as apostilas. Os tecidos são fornecidos pelo Governo do Estado. Em cada turma um agente penitenciário é capacitado para que ao término do curso possa haver continuidade dos trabalhos.

O agente **LUIZ EVERALDO DA SILVA ALMEIDA**, 35 anos, fez o curso de corte e costura. Orgulhoso ele mostra a camisa que confeccionou com detalhes nos ombros e nos bolsos que ele mesmo criou. Almeida já fez curso de lavanderia e rouparia. Há mais de dois anos cuida do setor. Com a nova capacitação deverá ser transferido. No caso do corte e costura, os alunos são gradativamente aproveitados na fábrica que funciona na própria penitenciária, onde são produzidos os uniformes dos internos das unidades de Ponta Grossa e de Guarapuava. Eles trabalham em dois turnos e são remunerados com base no pecúlio. A capacitação também vale para a remição de pena, com três dias de trabalho reduzindo em um dia a pena.



* RESSOCIALIZAÇÃO

Uma terapia

A pedagoga Cristina Ribas explica que eles “resgatam a auto-estima e acabam tendo uma finalidade terapêutica tornando-os mais calmos. Além disso, passam a maior parte do tempo fora da cela e tem uma rotina dentro da unidade, evitando a ociosidade”.

Na PEPG há mais 120 detentos em regime semi-aberto que fazem cursos como o de ervas medicinais e jardinagem. Atualmente eles estão criando um viveiro de mudas para desenvolver matéria-prima para o curso de jardinagem. “Procuramos desenvolver cursos que também atendam nossas necessidades internas”, diz ela.

Brasileiros pagam e não bufam

População não faz ideia do que paga em tributos

O brasileiro pode não perceber, mas paga cerca de 55% de imposto na compra de uma máquina de lavar roupa e desembolsa mais 32,25% pelo sabão em pó. O simples ato de acender uma luz já representa transferência de 39,25% do valor pago para os cofres do governo. E o sonho da casa própria, quem diria, chega a custar quase o dobro por causa das mais variadas taxas e impostos que são cobrados no valor final.

A falta de informação do contribuinte aparece numa pesquisa encomendada pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) ao instituto Ipsos. Foram entrevistadas mil pessoas em 70 cidades espalhadas pelo Brasil. Os resultados não chegaram a surpreender a FIESP. Em resumo, a maioria da população não faz a menor ideia de quanto paga de tributos sobre cada mercadoria ou serviço.

O valor dos chamados tributos invisíveis, que representam mais de 40% da carga tributária no País, já vem embutido no preço final das mercadorias. Pior: o valor dos impostos e taxas não é discriminado na embalagem de cada produto.

Nenhum país que pague uma conta de juros semelhante à que é paga pelo Brasil poderá proporcionar serviços públicos de qualidade. Nos últimos 15 anos, o País gastou o equivalente a 7,5% do Produto Interno Bruto (PIB) com o pagamento de juros da dívida pública.

Não é por acaso que a carga tributária brasileira é de 35% do PIB e supera com folga a de muitos países do primeiro mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, ela não chega a 25%. Lá, ao contrário daqui, 40% dos impostos são cobrados sobre a renda e a propriedade, e apenas 16% incidem sobre o consumo.

(Com Marcelo Rehder - O Estado de S. Paulo)

Modelo para a Citricultura

Para tentar harmonizar as relações entre as indústrias de suco e seus fornecedores independentes de laranja, o novo diretor corporativo da Cutrale, Carlos Viacava, defende a criação de algo similar ao Conselho dos Produtores de Cana-de-Açúcar, Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo (Consecana).

Para mitigar as rugas na cadeia sucroalcooleira, até certo ponto normais entre fornecedores e clientes, o Consecana criou um modelo de pagamento dos canavieiros baseado em critérios técnicos e no teor de sacarose da matéria-prima entregue. A adoção ao sistema é voluntária, e mesmo assim o conselho tem funcionado com aparente eficácia.

Desde o início da década, a FAEP trabalha com modelos paritários nas áreas de cana e de leite (Consecana e Conseleite, este já serviu de modelo inclusive a outros estados e províncias argentinas).



Considerando o último censo de 1995/96 a participação relativa dos produtores familiares e não familiares, segundo os dados do IBGE, apresentou grande variação, embora os números de estabelecimentos apurados tenham sido muito semelhantes. A participação no Valor Bruto da Produção passou de 23,6% para 38%.

Além do questionamento quanto a leitura dos números, o IBGE admitiu erro no Índice de Gini que foi apresentado com valor de 0,872, uma variação de 1,9% em relação ao dado anterior de 1995/96. O Índice de Gini relaciona a área total destinada a lavoura e pecuária com o número de propriedades - quanto mais próximo de 1, maior é a concentração de terra. Com este valor do Índice, a conclusão era de que a concentração de terra teria se elevado muito, num período de dez anos, em detrimento das médias propriedades. Mas o Índice de Gini correto oscilou apenas 0,002 p.p. passando de 0,856 para 0,858.

As conclusões gerais, comprovadas pelo estudo da FGV, são de que a agricultura familiar não é responsável pela garantia alimentar brasileira como foi retratado no Censo de 2006. Os não enquadráveis no PRONAF (produtores comerciais) são responsáveis por grande parte da produção agropecuária brasileira.



* **TÂNIA MOREIRA** é economista do DTE/FAEP

Por mais de 30 anos o professor José Carlos Gabardo formou centenas de profissionais nas Faculdades de Agronomia e de Florestas da UFPR. A formação em agronomia o atraiu para a entomologia, ramo da zoologia que estuda os insetos e transformou-o num especialista em pragas de agricultura. Atualmente é assessor técnico do SENAR-PR. Ele fez esse depoimento a respeito das saúvas com didática, como se estivesse numa saudosa sala de aula.

AS SAÚVAS NO PARANÁ No desbravamento do norte e oeste do Paraná, o sistema de plantio não era o que é hoje, quando nós não mexemos tanto com o solo, através do plantio direto. Naquela época o preparo do solo provocava uma redução drástica dos saúveiros. Hoje não se fala tanto da saúva porque ela está sendo muito bem controlada. O controle é eficiente em nosso Estado, pela consciência do agricultor e em segundo lugar por causa dos nossos cursos. Mesmo assim, não pode haver descuido com as saúvas. Se deixarmos sem controle, ela avança. Existem hoje formicidas aplicáveis dependendo do tipo de saúva e das condições do "habitat". Nas regiões de eucalipto, por exemplo, ela é uma ameaça sériíssima. Se houver um saúveiro, três anos consecutivos, o ataque às árvores liquida a plantação.

A REPRODUÇÃO Existem várias castas responsáveis pela reprodução dentro do saúveiro. Há duas castas temporárias: as içãs (fêmeas) e os bitus (machos). Durante as épocas de revoadas que no Paraná acontecem de setembro à novembro ocorre o acasalamento em pleno voo. A proporção é de uma içã para 10 bitus. O macho copula quatro, cinco fêmeas ou mais e morre em seguida. Todo o desenvolvimento da nova colônia será fruto dessa fecundação.

DIFÍCIL SOBREVIVÊNCIA A içã só é chamada rainha depois de fecundada. Há uma diferenciação de castas dentro do formigueiro. Essas castas temporárias só vão aparecer dentro do formigueiro depois de 30 meses (2 anos e meio a 3 anos), quando o formigueiro se encontra na fase adulta. Ocorre então a primeira revoada, que se repete todos anos. De dois saúveiros adultos saem, em média, 2,9 mil içãs (fêmeas) para 14.250 bitus (machos). Desse número exagerado só três vão formar um saúveiro adulto pelas condições naturais de campo, os pássaros e outros predadores. As novas rainhas não têm amplitude de vôo e elas formarão os novos saúveiros em áreas próximas à do acasalamento.

A RAINHA O seu círculo de reprodução dura a vida toda o que pode chegar a 15 anos, gerando milhões de ovos. As folhas e o material or-

Fotos: Arquivo



Ainda... as S

Especialista em pragas da agricultura mostra a sociedade das formigas cortadeiras

gânico transportados para o formigueiro servem para alimentar o fungo, única fonte de alimento da rainha e da colônia. Por volta do vigésimo mês um canal é aberto para começar o corte e transporte de folhas pelas novas castas, as obreiras. Estas são divididas em três categorias: as jardineiras que não saem nunca da colônia e vivem 90 dias, tem a função, ao mesmo tempo, de alimentar o fungo com partículas ainda menores das folhas trazidas e não deixar o fungo crescer em excesso. Quando surgem as primeiras operárias a rainha cessa toda a sua atividade. Só se alimenta e bota, alimenta e bota, encerrando a adubação fecal para que as primeiras formigas operárias busquem alimentos.

AS TRABALHADORAS A segunda casta permanente é das cortadeiras que transportam na mandíbula até 150 vezes o seu peso e têm período de vida de 90 dias. Na casta das cortadeiras existe uma diferenciação de trabalho espetacular. Só trabalham a noite ou durante o dia quando a temperatura e o sol não são escaldantes. As cortadeiras saem do formigueiro, algumas sobem na planta, descem e transportam para dentro do formigueiro até a panela de fungo. Na segunda divisão de trabalho, as cortadei-



PROFESSOR GABARDO: consciência do agricultor e cursos do SENAR-PR

AÚVAS



Fernando dos Santos



ras sobem, cortam e caem junto com a partícula para ganhar tempo. A terceira possibilidade é de um grupo subir, cortar a planta e outro grupo aguarda embaixo para transportá-la.

A terceira casta são os soldados que fazem a defesa da colônia, a última casta que aparece. Ao pressentirem, por exemplo, formicidas, imediatamente soltam o feromônio de alerta ao sauveiro e é aquela correria.

Aprendendo com o SENAR-PR

Estima-se que um formigueiro de saúva pode provocar uma redução de 3,6 toneladas de cana-de-açúcar por ano, o equivalente a cerca de 450 quilos de açúcar ou 300 litros de álcool. Supondo-se a ocorrência de um formigueiro/adulto/ha, uma usina ou destilaria com 5.000 ha plantados, teria um prejuízo anual de 2.250.000 quilos de açúcar ou 1.500.000 litros de álcool. Nas pastagens, dez sauveiros adultos/ha chegam a cortar 25 quilos de forragem/dia. Em reflorestamentos de eucaliptos, as árvores morrem após o corte das folhas por três vezes consecutivas e um formigueiro adulto de saúva limão consome uma tonelada de folhas verdes/ano, ou a produção de folhas de 80 eucaliptos/ano. Quando a infestação alcança quatro formigueiros/ha a perda alcança 14% da população de árvores adultas.

Por isso, a importância dos cursos do SENAR-PR de combate às formigas cortadeiras, onde se disseminam todos os tipos de controle. "O produtor deve fazer o curso, porque aprenderá muitas coisas novas que ele pensa que sabe e não sabe. O porquê das coisas", diz o professor Gabardo.



CORRUPÇÃO

A nova saúva brasileira

SAINTE HILAIRE, naturalista francês, que percorreu o Brasil de 1816 a 1822, impressionado com o problema da saúva, lançou a célebre frase: "Ou o Brasil acaba com a saúva ou a saúva acaba com o Brasil". Há quem veja excessos nessa expressão do naturalista, argumentando que não devemos acabar com nenhum organismo. Temos de aprender a conviver com eles, criando formas de manejo e preservando o equilíbrio ecológico do ecossistema.

Nos dias de hoje, enquanto formicidas ajudam a eliminar a ameaça das saúvas que aqui estão antes dos índios descobertos por Cabral, há piores "saúvas" que as formigas. É a praga da corrupção que viceja em certas castas do País, onde o único antídoto capaz de controlá-la continua sendo o voto.





Tudo em pizza

» Uma das expressões mais usadas no meio político é **"TUDO ACABOU EM PIZZA"**, empregada quando algo errado é julgado sem que ninguém seja punido. O termo surgiu numa reunião onde alguns cartolas do Palmeiras se reuniram durante 14 horas seguidas de brigas e discussões, numa pizzaria paulista.

Após esse episódio, Milton Peruzzi, que trabalhava na Gazeta Esportiva, fez a seguinte manchete: "Crise do Palmeiras termina em pizza". Daí em diante o termo pegou.

El cantante

» **CARLOS GARDEL**, "el grand cantante" de tangos, morreu num acidente aéreo na Colômbia, em junho de 1935, versão nunca aceita pelos seus admiradores. Ele é um caso raro de imortalidade, pois até hoje suas 930 gravações são ouvidas como na época em que as gravou, de 1917 a 1933. Ele está enterrado num mausoléu, no cemitério de La Chacarita, em Buenos Aires, local de romaria onde sua elegante figura se ergue em bronze negro, ou El bronze que sorrie.



A numeração dos sapatos?

» Em 1305, o **REI EDUARDO I**, da Inglaterra, decretou que se considerasse como uma polegada a medida de três grãos secos de cevada alinhados. Um calçado que medisse, por exemplo, 37 grãos de cevada era conhecido como tamanho 37.

Potência dos motores

» O termo cavalo-a-vapor (cv), usado para medir a potência dos motores, foi inventado levando-se em consideração que um **CAVALO** conseguia levantar uma carga de 75 Kg a 1 metro de altura por 1 segundo.



Leonardo Fagundes

Cuidado!

» Na rodovia PR 92, que liga Curitiba a Cerro Azul, na região metropolitana, o motorista precisa ficar atento e dirigir com máxima atenção. Além das muitas curvas ao longo do trajeto, 10 quilômetros após passar por Rio Branco do Sul, uma cratera foi aberta na pista, possivelmente ocasionada pelas chuvas do início do ano. O buraco toma praticamente metade da pista e tem cerca de 30 metros de profundidade.



MOSAICO

Conjugando o verbo

» Perguntaram ao caipira:
- Diz aí um verbo!
Ele pensou, pensou e respondeu indeciso:
- Bicicreta.
- Não é bicicleta, seu caipira burro, é bicicleta. E bicicleta não é verbo!
Perguntaram a outro caipira:
- Diz você aí um verbo!
Ele também pensou, pensou e arriscou, resabiado:
- Prástico.
- Não é prástico, caipira burro, é plástico. E plástico não é verbo!
Perguntaram a um terceiro caipira:
- Diz aí um verbo!
Esse aí nem pensou:
- Hospedar.
- Muito bem! Até que enfim um caipira inteligente. Agora diga aí uma frase com o verbo que você escolheu.
O caipira encheu o peito de coragem e mandou bala:
- Hospedar da bicicleta é de prástico!



Advogado do diabo

» Essa expressão tem a origem na Igreja Católica. Quando o processo de santificação tem início, o "advogado do diabo" é escolhido pelo Vaticano para investigar se os milagres atribuídos ao candidato são de fato verdadeiros.

Para que serve o umbigo depois que nascemos?

» Para nada. Depois do nascimento, após ter servido de elo entre a mãe e o feto, o umbigo passa a ser apenas uma cicatriz no corpo.

Você sabia?

» Em Israel é proibido meter o dedo no nariz aos sábados e na praia de Haifa é proibido levar ursos à praia.

» Apenas na língua portuguesa existe a palavra saudade.

Cornélio Procópio

No dia 4 de maio, Floriano José Leite Ribeiro foi reeleito para a presidência do Sindicato Rural de Cornélio Procópio, com Marco Antônio Geraix na vice-presidência. O mandato da diretoria é para o triênio 2010/2013.

CARAMBEÍ

Cultivo de morangos

O Sindicato Rural de Carambeí e o SENAR-PR realizaram um curso de cultivo de morangos, em 17 de abril. O instrutor Sérgio Krepki orientou os participantes abordando desde o preparo da muda até a comercialização.



CHOPINZINHO

Sem agrotóxicos

O Sindicato Rural de Chopinzinho, APAE e SENAR-PR, realizaram nos dias 29 e 30 de abril um curso de olericultura orgânica. A instrutora do SENAR-PR, Irony Cella, orientou aos participantes no preparo e confecção dos canteiros. O objetivo do curso foi mostrar aos participantes que é possível produzir olerícolas orgânicas de forma sustentável e com bons lucros.



JAA: história da agricultura na Feira do Trabalhador

O instrutor do SENAR-PR, Ricardo Almeida, levou as turmas do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA), de Leópolis e de Sertaneja, para participar da Feira do Trabalhador, em Cornélio Procópio. Os jovens apresentaram cartazes e maquetes com o tema "História da Agricultura e do Homem no Campo". Para o instrutor, o objetivo da atividade foi estimular os jovens em pesquisas sobre a evolução da agricultura e a valorização do trabalho no campo. Além das maquetes e dos cartazes, cerca de dois mil visitantes da Feira puderam assistir shows de música ao vivo e os jovens fizeram algumas paródias ligados à agricultura. A visita à Feira teve o apoio do Sindicato Rural de Cornélio Procópio e o acompanhamento do instrutor do SENAR-PR Cristiano Leite, e de participantes do JAA.



}} ENTRE RIOS DO OESTE

Reciclagem de lixo

Participantes do curso Mulher Atual visitaram o depósito de reciclagem de Entre Rios. Para a instrutora do SENAR-PR, Eliana Cristina Fedrigo Scherback, a visita foi importante para a conscientização das agricultoras sobre importância da separação do lixo reciclável.



Café beneficente

As agricultoras que participam do curso Mulher Atual, em Castro, realizaram um café colonial dia 1º de maio com o objetivo de arrecadar fundos para compra de material didático para uma escola. A instrutora do SENAR-PR, Cléri Josane de Méo, informou que as próprias agricultoras fizeram a divulgação, promoção e organização do evento, que teve a participação de 360 pessoas.



Palestra sobre INSS

Orientadas pela instrutora do SENAR-PR, Eliana Fedrigo Scherback, trabalhadoras rurais que participam do curso Mulher Atual organizaram uma palestra sobre aposentadoria. A atividade reuniu aproximadamente 120 trabalhadores rurais da região. A palestra aconteceu no dia 4 de maio e foi ministrada por um funcionário do INSS de Toledo.

Culinária a base de mandioca

Em 28 e 29 de abril, o Sindicato Rural de Pinhão em parceria com SENAR-PR, realizou o curso de Beneficiamento e Transformação Caseira de Mandioca. O curso contou com 12 participantes que conheceram detalhes sobre a culinária de mandioca.



Irrigação de pastagens

Dia 27 de abril, produtores rurais de Japurá visitaram algumas propriedades em Icaraíma para conhecer os sistemas de piquetes e irrigação das pastagens. O objetivo é aumentar a produtividade da cadeia leiteira do município incorporando esta tecnologia. A visita foi uma realização do Sindicato Rural de Japurá, em parceria com a EMATER e o SENAR-PR.



Bons hábitos

Em 28 de abril, trabalhadoras rurais de Terra Roxa participaram de uma palestra sobre a importância da boa alimentação. A nutricionista Tallita Valotto, a convite da instrutora do SENAR-PR, Neuci Cicheroli, discorreu sobre os hábitos alimentares.

Averbação da Reserva Legal

Mesmo assim, promotores estão notificando produtores

Produtores rurais paraenses têm recebido notificações de promotores de Justiça para que apresentem, em 45 dias, documento que comprove a averbação em cartório da Reserva Legal ou a adesão a um termo de ajustamento de conduta com os órgãos ambientais.

O presidente da FAEP, Ágide Meneguette, enviou ofício ao Procurador de Justiça do Meio Ambiente do Paraná, Saint Clair Honorato dos Santos, solicitando que os promotores sejam esclarecidos da vigência do Decreto 7029/2009, da Presidência da República, que estabeleceu prazo até 11 de junho de 2011 para que o produtor protocole o pedido de averbação da Reserva Legal. A prorrogação foi feita enquanto acontecem, no Congresso Nacional, as discussões sobre mudanças na legislação ambiental do País.

O decreto 7029 deu a seguinte redação ao § 5 do artigo 55 do Decreto 6514/2008: “O proprietário ou possuidor terá prazo de cento e vinte dias para averbar a localização, compensação ou desoneração da reserva legal, contados da emissão dos documentos por parte do órgão ambiental competente ou instituição habilitada”.

Talvez o que os promotores não tenham atentado é para o fato de que o Artigo 152 do Decreto 6514/2008 passou a ter a seguinte redação no Decreto 7029: “O disposto no art. 55 entrará em vigor em 11 de junho de 2011.” (NR). “Isso significa que não pode ser aplicada multa pela não averbação da Reserva Legal. A legislação em vigor, claramente, dá prazo ao produtor rural”, diz engenheira agrônoma Carla Beck, assessora de Meio Ambiente da FAEP.

* EM GOIÁS

Corregedor mandou suspender medidas equivocadas

No estado de Goiás também estavam cobrando dos produtores a averbação imediata da Reserva Legal, ignorando o prazo concedido pelo Decreto 7029/2009. O presidente da Federação da Agricultura de Goiás (FAEG), José Mário Schreiner, levou a questão à Corregedoria-Geral da Justiça, que determinou o respeito ao decreto e a suspensão de medidas equivocadas que prejudicavam os produtores rurais.

Inúmeros produtores goianos tinham reclamado à FAEG que os cartórios estavam exigindo a averbação da Reserva Legal como condição para outros procedimentos, como divisão, desmembramento, unificação e fusão de propriedade, registro de partilha, carta de adjudicação, cédulas de crédito rural, arrendamento e transferência de titularidade.

O Ministério Público Estadual estava enviando recomendações aos cartórios de registro de imóveis para que não fizessem os procedimentos sem a anotação prévia da averbação da Reserva Legal. O 4º Juiz-Corregedor, Wilson Safatle Faiad, emitiu um parecer mostrando a ilegalidade desta exigência, em função do Decreto 7029/2009. O parecer foi acolhido pelo Corregedor-Geral da Justiça de Goiás, desembargador Felipe Batista Cordeiro, que enviou ofício-circular a todos os diretores de foro das comarcas do estado e também ao Ministério Público Estadual, mandando cessar as exigências indevidas.

Campos Gerais na FAEP

A gravidade da situação agrícola no Estado e no País foi o tema de reunião mantida por representantes do Núcleo dos Campos Gerais, no último dia 10, com o diretor financeiro, João Luiz Rodrigues Biscaia, e o coordenador do Departamento Técnico, Pedro Loyola. Liderado por Vagner Augusto Barausse, presidente do Núcleo e do Sindicato Rural de Palmeira, os produtores abordaram principalmente a questão dos preços dos grãos com rentabilidade negativa e a ausência do governo na execução da política de preços mínimos.

Fernado dos Santos

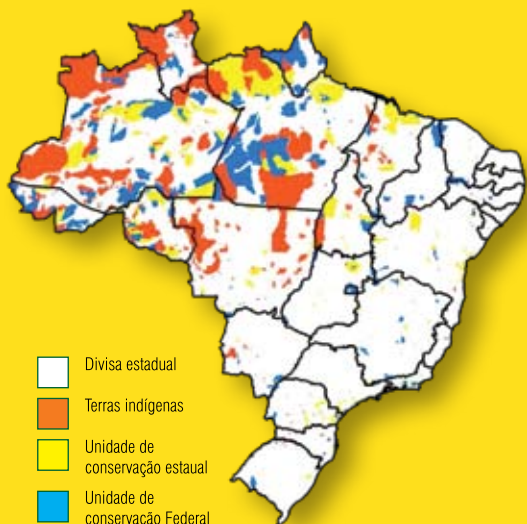


ERRATAS DO BI 1095

1 | Em virtude de problemas técnicos, as cores que identificavam no mapa as Unidades de Conservação e Terras Indígenas, (pg 6), não foram impressas. Ao lado, a ilustração



UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E TERRAS INDÍGENAS



Fonte: Embrapa

2 | Na pg 15, por lapso, foi omitido na legenda da foto a presença do deputado Moacir Micheletto, na matéria "FAEP defende agenda para o agronegócio"

3 | Na pg. 18 dissemos que a turma do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) que visitou o campus da Unipar, em Umuarama, era desta cidade quando na verdade a turma é de Terra Roxa.

4 | E na "gravata" (sub-título) da matéria "Modelo Uruguaio" na pg 8, foi cometido um grave erro contra o idioma nacional, ao ser escrita a palavra "dimensão" com "ç". Diante da dimensão do erro, pedimos desculpas aos leitores.



PRA BOI NÃO DORMIR

Balanco final

» Mais uma reunião da Comissão Sul-Americana para a Luta contra a Febre Aftosa - COSALFA terminou, com coisas boas e novas. Só que nem todas boas foram novas e nem todas novas, boas. Pra começar, a Febre Aftosa ainda é um problema grave da América do Sul. A doença segue atingindo o continente. Bom, essa é uma velha que não é boa. A boa e nova é que 85% do rebanho da América estão imunizados contra a febre aftosa. A nova que não é boa é que os outros 15% são um problemão.

Pontos fracos

» Os dois dias de discussões na cidade de Georgetown, na Guiana, foram recheados de altos e baixos. Bolívia, Equador e Venezuela, são o nosso principal problema. Apesar dos apelos e esforços do Centro Pan-americano de Febre Aftosa estes países continuam sem nenhum controle sobre a doença. No Equador a situação é extremamente grave. Dos 142 surtos registrados em 2009, 138 foram em seu território. A Venezuela segue sem nenhum controle. Enviou à reunião um representante que não apresentou explicação convincente sobre o que ocorre no país e acabou criticado por todos. No caso da Bolívia, não houve sequer preocupação em fornecer informações sobre a situação da doença no país.

O Brasil

» Diante dessa situação o Brasil mostrou sua força. Representado por Jamil Gomes da Costa, do MAPA, e Sebastião Costa Guedes, do Conselho Nacional de Pecuária de Corte (CNPC), foi intolerante com relação a prazos longos propostos pela comissão. Os representantes brasileiros deixaram claro que não há como esperar mais. A febre aftosa precisa ser erradicada o mais rápido possível e a comissão queria esticar o prazo para 2020, sendo que a proposta inicial era 2009.

O futuro

» Bom, parece que a febre aftosa ainda vai ser assunto por mais 10 anos, pelo menos. O Brasil e o Paraná estão adiantados no processo de erradicação. Mas esse é apenas o início do trabalho e precisamos nos esforçar. A luta para acabar com a febre aftosa é muito dura e difícil, mas a recompensa será grande. Com certeza valerá a pena!

» **SUGESTÕES E COMENTÁRIOS:**
fabricao.monteiro@faep.com.br

Quem preserva, fatura

A regulamentação da Organização das Nações Unidas (ONU) para o mecanismo de Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação (REDD) ainda não está fechada. Porém os países com florestas podem começar a receber recursos pela conservação baseados no mecanismo antes do fim das negociações internacionais.

Em uma negociação informal, países desenvolvidos concordaram em repassar US\$ 3,5 bilhões entre 2010 e 2012 para uma espécie de "REDD interino". No fim deste mês, em uma reunião na Noruega, as partes deverão acertar a distribuição dos recursos. O Brasil tem grande chance de receber quantidade significativa de recursos.

Novo prazo para a DAU

Foi aprovado em 04 de maio, projeto de conversão em lei (PLV) da Medida Provisória 472 que estabelecerá novo prazo para liquidação ou parcelamento de Dívida Ativa da União inscrita até 30 de junho. O projeto (PLV) deverá ser sancionado até 25 de maio e possibilitará a liquidação até 30 de setembro ou parcelamento até 20 de dezembro.

Frango na cola da soja

Embalados pelo processo de agroindustrialização do estado, os embarques de carne de frango crescem a taxas elevadas e ameaçam a liderança da soja. Nos últimos nove anos, o frango deixou a soja para trás em duas ocasiões, em 2006 e 2007, e voltou a ocupar o topo do ranking neste ano. No primeiro trimestre de 2010, as vendas externas de frango in natura renderam ao estado US\$ 302,4 milhões, contra US\$ 286,5 milhões da soja em grão.

A situação é oposta à observada nesse mesmo período do ano passado, quando a oleaginosa liderava o ranking com US\$ 282,2 milhões e o frango aparecia na segunda colocação com US\$ 258,9 milhões. Na época, a avicultura reduzia o alojamento para se adequar à retração da demanda externa causada pela crise financeira mundial. A indústria da soja, mesmo com crise e quebra de safra, antecipava seus embarques para aproveitar os preços de entressafra.

Agronegócio garante balanço

O agronegócio brasileiro nunca exportou tanto quanto em 2010. Nos primeiros quatro meses do ano, os embarques totalizaram US\$ 20,864 bilhões, um crescimento 15,4% em relação ao valor exportado no mesmo período de 2009, informou o Ministério da Agricultura (Mapa).

Foi o melhor resultado registrado para um primeiro quadrimestre desde o início da série histórica, em 1997, superando inclusive o desempenho de 2008, recorde até então. As importações do setor também apresentaram variação positiva (29,7%) no período, totalizando US\$ 4,031 bilhões. Ainda assim, o saldo comercial do agronegócio aumentou de US\$ 14,969 bilhões para US\$ 16,832 bilhões entre janeiro e abril de 2010.

Arquivo


Porto de Paranaguá



Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
Cep 80010-010 | Curitiba - Paraná
Fone: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124
email: faep@faep.com.br | site: www.faep.com.br

Presidente
Ágide Meneguette

Vice-Presidentes
Moacir Micheletto (licenciado)
Guerino Guandalini
Nelson Teodoro de Oliveira
Francisco Carlos do Nascimento
Ivo Polo
Ivo Pierin Júnior

Diretores Secretários
Livaldo Gemin
Pedro Paulo de Mello

Diretores Financeiros
João Luiz Rodrigues Biscaia
Paulo José Buso Júnior

Conselho Fiscal
Sebastião Olímpio Santoroza
Luiz de Oliveira Netto
Lauro Lopes

Delegados Representantes
Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia,
Francisco Carlos do Nascimento, Renato Antônio Fontana



SENAR - Administração Regional do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 16º andar
Cep 80010-010 | Curitiba - Paraná
Fone: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779
e-mail: senarpr@senarpr.org.br | site: www.senarpr.org.br

Conselho Administrativo
Presidente
Ágide Meneguette - FAEP

Membros Efetivos
Ademir Mueller - FETAEP
Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC
Darci Piana - FECOMÉRCIO
Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal | Membros Efetivos
Sebastião Olímpio Santoroza
Luiz de Oliveira Netto
Jairo Correa de Almeida

Superintendência
Ronei Volpi

BOLETIM informativo

Marcos Tosi (redator)
Cynthia Calderon (redatora)
Leonardo Fagundes (redator)

e-mail: imprensa@faep.com.br

Diagramação e projeto gráfico
Ctrl S Comunicação | www.ctrlscomunicacao.com.br

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.



Sindicato de Toledo na Semana Acadêmica

Mais de 1,2 mil pessoas estiveram reunidas na quinta-feira (13), no Teatro Municipal de Toledo (foto), para assistir a palestra “Os desafios da soja no Brasil/Política de governo para a Soja/Perspectiva da soja no Brasil”. O palestrante foi o presidente da Associação dos Produtores de Soja do Estado de Mato Grosso (Aprosoja), Glauber Silveira da Silva. O evento faz parte da Semana Acadêmica dos cursos de Administração, Agronegócio, Gestão Empresarial, Ciências Contábeis e Superiores de Tecnologia da Faculdade Sul Brasil (Fasul), realizada de 11 a 13 de maio, com apoio do Sindicato Rural de Toledo.

Pela manhã, Silva participou de uma mesa-redonda na sede da Fasul com Sávio Pereira, representante do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e Itazil Fonseca Benício, representante da Frente Parlamentar Agropecuária. O presidente da Aprosoja explicou sobre os objetivos da Aprosoja, o desafio do estado em relação a logística. Representantes da sociedade rural, de empresas agrícolas, do Conselho de Desenvolvimento Rural e diretores dos sindicatos da regional demonstraram interesse em conhecer mais detalhadamente a experiência matogrossense.



NELSON PALUDO,
presidente
do Sindicato
Rural de Toledo



PDS

Formando lideranças

O Programa de Desenvolvimento Sindical (PDS), coordenado pelo Departamento Sindical da FAEP e o Diretor Secretário da FAEP Livaldo Gemin, iniciou em abril a Fase I no interior do Estado. Em Goioerê, nos dias 26 e 27 de abril, foi realizado o primeiro encontro do programa sob a orientação do instrutor do SEBRAE, Claudinei Alves. O mesmo orientou o treinamento em Umuarama nos dias 29 e 30. Já em Mariluz, nos dias 29 e 30 de abril, iniciou-se uma nova turma que teve a orientação do instrutor Valdir Madeira.

O prefeito de Mariluz, Paulo Alves, é um dos participantes do curso. “Esse treinamento desperta nas pessoas a capacidade que cada um tem em contribuir com a comunidade, seja da direção do Sindicato, associações ou poder público”, disse.



SANIDADE

CSAs

Líderes das secretarias de Agricultura e Abastecimento e dos Conselhos de Sanidade Agropecuária (CSA's) de 12 municípios da região reuniram-se dia

10, no anfiteatro do Sindicato Rural de Guarapuava, para debater assuntos que serão apresentados ao Governador Orlando Pessuti, durante a interiorização de Governo, nos dias 27 e 28 de maio.



Divulgação

LEGISLAÇÃO

Código Florestal

Após seis meses, 64 audiências públicas e debates em 18 Estados, a Comissão que trata da reforma do Código Florestal, presidida pelo deputado Moacir Micheletto, deverá ter o parecer do relator Aldo Rebelo votado no próximo mês. A imprensa tem divulgado que o relator argumentará com a necessidade de “o País enfrentar uma legislação paralisante que hoje dispõe de mais de 16 mil dispositivos legais”.



Ao lado: Chávez, Morales, Lula e Correa; Acima, o Arcebispo da Paraíba, D. Aldo Pagotto

Direitos Humanos: CNBB vê inspiração “bolivariana”

Assembleia dos bispos aponta modelo chavista no PNDH de Lula

A discussão do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH) foi o tema de maior tensão na 48.ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) encerrada em Brasília, no final da semana passada.

Um grupo de bispos considerou o texto do Plano uma "inspiração bolivariana", com a intenção de cercear a democracia, utilizando para isso a censura à imprensa. "Há uma inspiração inegável nos modelos bolivarianos da Venezuela, Bolívia e Equador, cujos governos pregam a democracia participativa de grupos de pressão, inibem o Legislativo e o Judiciário e negam valores transcendentais", afirmou o arcebispo da Paraíba, D. Aldo Pagotto, que brigou no plenário da reunião pela aprovação de uma declaração mais dura sobre o programa.

A tendência inicial, pela proposta de alguns bispos, era divulgar uma mensagem mais moderada, restringindo as críticas a alguns pontos condenados pela Igreja, como a defesa do aborto e a união estável de pessoas do mesmo gênero. Os debates levaram a uma versão aceitável para os dois lados, depois da rejeição de um rascunho de declaração considerado brando pelos mais radicais.

Invasão de terras

"A questão da retirada de símbolos religiosos de locais públicos é periferia, pois na verdade não há lugar no Programa Nacional de Direitos Humanos para valores perenes", insistiu d. Aldo. "O texto é cheio de proposições ambíguas que misturam direitos humanos com leis feitas por minorias e grupos de pressão, de acordo com uma ética de situação ou das circunstâncias", acrescentou.

Para D. Aldo, exemplo dessa ambiguidade é a ação dos sem-terra, que passam a ter direitos acima da propriedade, com conseqüente inibição do

Judiciário, "Invade-se a terra e, para reaver o que considera seu, o fazendeiro tem de discutir com os invasores, antes de recorrer à Justiça", observou.

O arcebispo da Paraíba disse ainda que, ao contrário de alguns bispos que acreditam ser possível um diálogo, porque identificam pontos positivos no programa, ele não vê como se pode dialogar a partir de ambigüidades.

"Eu tenho dificuldade de apontar pontos positivos no texto, porque me parece óbvia a intenção de cercear a democracia, que os bolivarianos consideram uma instituição caduca", insistiu D. Aldo.

O Programa Nacional de Direitos Humanos, lançado em dezembro do ano passado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi assinado por 31 ministros, inclusive pela pré-candidata do PT à presidência, Dilma Rousseff.

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14o andar
Cep 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável _____